

**“Todos os homens por natureza desejam conhecer”**

**Aristóteles, *Metafísica*, 980a**

Os textos reunidos neste volume são frutos da **curiosidade**. Gostaria de o dizer, declarar e repetir de forma enfática. De sublinhar o que nesta palavra há hoje de raro. As virtudes esquecidas que nela se abrigam. A inusitada verdade que nela se recolhe. A luminosidade que dela irradia. Capacidade de inquirição, abertura de espírito, atenção ao conhecido, interesse solto pelo desconhecido, vontade cristalina de aprender, movimento para o novo, disponibilidade para se deixar surpreender e de, dessa surpresa, retirar a força da interrogação - de tudo isto a curiosidade é feita e de tudo isto este volume é exemplo.

Claro está que -- como sempre acontece com a curiosidade -- quando ela é genuína, é dispersa. Aponta em direcções múltiplas, abre para campos discordantes, percorre caminhos divergentes.

É o que aqui acontece. À primeira vista, estamos perante um conjunto heterogéneo, heteróclito, extravagante mesmo. Das ervilhas de Mendel ao eterno feminino, da sífilis à filosofia cristã, da penicilina à Inquisição, da dupla hélice de Watson e Crick à pós-modernidade, das sulfamidas à teoria das formas de Platão. O leque das disciplinas abordadas não é menos variado: Medicina, Epistemologia, Química, Filosofia, Biologia, Política da Ciência, Bacteriologia, História da Ciência, Genética, História das Instituições, Bioquímica, Farmacologia, Ética. Porém, na sua polimorfia, o conjunto de textos que se reúnem neste volume é atravessado por duas paixões fundamentais.

Em primeiro lugar, aquela que se prende com a reflexão sobre a **Medicina**, tema que dá nome à primeira parte do volume. A Medicina é aqui interrogada

tanto nas suas raízes biológicas, químicas e bioquímicas, como nas suas implicações éticas e políticas, como ainda na atenção à história da profissão médica em Portugal. Interrogação que - sentimo-lo de imediato - é levada a cabo por um praticante. Estamos perante um clínico (como a si mesmo se define), atento e interessado nos progressos das diversas ciências com as quais a medicina se entrelaça. Um médico que acompanha o percurso tenaz de algumas doenças (sífilis, sida, tuberculose), que segue os turbulentos esforços feitos para encontrar os tratamentos adequados, os fármacos eficientes (penicilina, sulfamidas), e que vai intermediando essas narrativas com discretas pinceladas autobiográficas, com saborosas referências à situação portuguesa, com episódios retirados da sua própria experiência clínica. Tudo isso feito com uma aguda sensibilidade às circunstâncias históricas, às determinações institucionais, aos *enjeux* políticos, ao jogo dos interesses económicos que, por exemplo em farmacologia, melhor dito, na indústria farmacêutica, por vezes tornam ténue a "fronteira que separa o *marketing* da investigação" (p.87).

Neste âmbito, os textos intitulados "Acerca da Medicina baseada na evidência" (p. 54- 65) e "O efémero e o permanente" (p. 78-81), ocupam um lugar central. Aí se discutem, tanto as fragilidades e limites dos métodos utilizados para fabricar as chamadas "evidências", como as virtudes da intervenção clínica. O que está em causa nestes textos não é obviamente contestar o valor das *guidelines*, dos protocolos, das "evidências" enquanto instrumentos da acção médica informada. Ainda que haja lugar para assinalar a eventual falta de rigor de alguns ensaios clínicos, a duvidosa validade de algumas meta-análises, os perigos de uma cada vez mais fragmentada formação médica, o que está em causa é o "elogio da clínica" (p. 60). Por outras palavras, o que o autor defende com vigor é uma prática clínica capaz de proceder ao ajustamento do padrão médio, abstracto e geral ao caso concreto individual. "Evidências? Venham elas desde que integradas numa actuação clínica baseada na experiência e em conhecimentos teóricos bem estruturados e fundamentados " (p. 59). O que o autor não pode aceitar é o esquecimento dessa arte do face a face entre o doente e o seu médico, dessa

relação inter-pessoal feita de experiência e compaixão, de empatia e de “conhecimentos teóricos bem estruturados e fundamentados”. Só ela permite, muito para lá de todas as técnicas, olhar cada doente como um todo, decifrar a configuração de sinais que definem a sua individualidade, descortinar o sentido da sua concreta singularidade. Daí que estes sejam porventura os textos chave para compreender a postura do autor enquanto médico, melhor dito, a sua acérrima defesa do valor da clínica - “sou um clínico à prova de bala” (p.88).

Em segundo lugar, a paixão pela Ciência enquanto aventura de um conhecimento que cresce, triunfo exaltante de uma racionalidade apresentada como sempre capaz de vencer as tentações sedutoras do mito, as forças obscuras da ideologia e dos interesses particulares. Assim se explica o cuidado com que o autor percorre a linhagem de um conjunto de investigações e descobertas cujo percurso persistente acompanha com vivacidade, com finura, com elegância. A descrição nunca é linear, antes atravessada por acontecimentos inesperados, por episódios fortuitos, por contextos particulares, por incidentes históricos, por tortuosos detalhes institucionais, por incursões biográficas pitorescas e bem-humoradas. Digamos que há uma atenção - e uma curiosidade muito especial - por todos esses elementos que dão corpo à complexidade, não tanto da ciência já feita, mas da ciência em vias de construção. E, em todos os casos, embora atento a um leque variado de determinações políticas, sociológicas, concorrenciais que rodeiam, modelam, ou mesmo condicionam o avanço da ciência, a verdade é que ela é sempre pensada enquanto actividade racional capaz, a cada passo, de vencer moralismos beatos, preconceitos paralisantes, “terrores ancestrais” (p. 19), “medos que atormentaram gerações” (p. 103).

Assim se explica o interesse dedicado ao fenómeno das “descobertas simultâneas”. Na verdade, quatro dos artigos reunidos neste volume dizem respeito a descobertas simultâneas ou convocam directamente essa questão. Referimo-nos não apenas aos três textos que se dedicam explicitamente ao estudo de casos de descobertas simultâneas - “Descobertas simultâneas na

medicina do século XX: Leis de Mendel, insulina e ADN” (pp. 39-47), “Descobertas simultâneas na medicina do século XX: o caso da penicilina e das sulfamidas” (pp. 66-81) e “Descobertas simultâneas na medicina do século XX: os primeiros tuberculostáticos” (pp. 90-104) como também ao artigo intitulado “Da sífilis à sida” (pp. 10-19). Neste último, por exemplo, o autor descreve com grande clareza as atribuladas etapas que marcaram a história da investigação sobre o vírus da sida e o “triste episódio” (p.18), que está na base da conhecida polémica entre Luc Montagnier do Instituto Pasteur em Paris e o seu rival americano Robert Gallo em torno da precedência da descoberta do HIV. Da mesma maneira, no estudo sobre os tuberculostáticos, o autor oferece uma descrição, quase policial, dos percursos de uma investigação repleta de coincidências, na qual nada menos que três laboratórios estiveram envolvidos de forma independente mas paralela: “O *Rimifon* da Roche, a *Nydrazida* da Squibb e o *Neoteben* da Bayer eram marcas diferentes da mesma substância” (P. 103). E, em todos os casos, fica claro que o que está em jogo é muito mais do que a confluência de circunstâncias externas, isto é, em cada caso, o autor tem a inteligência de mostrar de que modo as descobertas simultâneas são momentos exemplares da pujança dos factores internos, determinantes cognitivos do progresso do conhecimento científico. Como interpretar o interesse do nosso autor por esse esplendoroso fenómeno das descobertas simultâneas senão como uma marca da sua crença firme e confiante no valor da racionalidade científica? Não será essa crença que o leva a enfatizar a capacidade da ciência para “mudar o destino da humanidade” (p. 25) e para permitir que o homem se apodere de “atributos que eram pertença exclusiva das divindades” (p.37)?

\*\*\*

Na introdução ao volume, o autor pergunta: “Será que se justifica a publicação destes textos produzidos no decurso da actividade escolar, subordinados a temas incluídos nos programas de ensino e cujo objectivo foi a avaliação curricular?” A resposta obviamente seria não, se o objectivo desses textos tivesse sido, de facto, a avaliação escolar. A verdade porém é que a leitura destes textos, no seu conjunto, mostra bem quanto o autor se engana

na interrogação que se coloca. Os textos aqui reunidos não são trabalhos escolares. São oportunidades que a universidade ofereceu - e que o autor aproveitou - para ir ao encontro dos seus próprios interesses. Pretextos que o autor se deu a si próprio para estudar aquilo que quis. E, como é admirável essa capacidade de perseguir a sua própria curiosidade!

Olga Pombo

